

IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras
Universidade Federal do
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana
em territórios de
conflito, (in)justiças
e (re)existências

Realização

 Associação dos
Geógrafos
Brasileiros
Seção Local Santa Inês - BA

Pesca artesanal na colônia do Rio Vermelho (Z-01) em Salvador - Bahia

Ronaldo Lázaro Alves Junior¹

RESUMO

O presente artigo "Pesca artesanal na colônia do Rio Vermelho (Z-01) em Salvador - Bahia" tem como objetivo analisar as dinâmicas e relações geradas pela pesca artesanal na Colônia de Pescadores do Rio Vermelho. O estudo aborda o histórico de formação da colônia, a relação entre pesca, território e identidade, o perfil da comunidade pesqueira e os aspectos geográficos relevantes para a resistência e insurgências locais. A escolha do tema baseou-se em memórias afetivas familiares, ressaltando a importância da pesca artesanal para a população negra de Salvador, que historicamente encontrou nessa atividade uma fonte de sustento. A ancestralidade também foi considerada, especialmente por causa da festividade de Iemanjá no dia 2 de fevereiro, orixá protetora dos pescadores. A Colônia de Pescadores do Rio Vermelho desempenha um papel importante no Largo da Mariquita, representando os interesses dos pescadores e promovendo o desenvolvimento socioeconômico das comunidades pesqueiras locais. A pesca artesanal é essencial para a colônia, proporcionando subsistência, emprego e renda, além de preservar tradições culturais e promover a segurança alimentar. A metodologia do estudo incluiu pesquisa teórico-empírica qualitativa, com levantamento bibliográfico, pesquisa documental e observações participantes em campo. Os resultados e discussões abordam a necessidade de melhorias nos sistemas de políticas públicas voltadas para pesca artesanal, auxiliando as famílias de pescadores. Também são considerados métodos de insurgência para enfrentar os desafios encontrados pela comunidade pesqueira do Rio Vermelho.

Palavras-Chave: Pesca artesanal. Território. Colônia. Rio Vermelho.

INTRODUÇÃO

O presente artigo intitulado "Pesca artesanal na colônia do Rio Vermelho (Z-01) em Salvador - Bahia", tem como objetivos: analisar e compreender as dinâmicas e relações locais gerados pela pesca artesanal da Colônia de pescadores(as) do Rio Vermelho, caracterizar o

¹Discente do curso de Geografia no IFBA campus Salvador. Email: ronaldjr.ifba@gmail.com

IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras
Universidade Federal do
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana
em territórios de
conflito, (in)justiças
e (re)existências

Realização

Associação dos
Geógrafos
Brasileiros
Seção Local Santa Inês - BA

histórico de formação da Colônia do Rio Vermelho, compreender a relação pesca-território-identidade, analisar o perfil dinâmico da realidade pesqueira da comunidade bem como entender os aspectos geográficos importantes para resistência e insurgências da Colônia de pescadores artesanais. A justificativa fundamental que levou a escolha temática está nas memórias afetivas familiares, visto que a população negra de Salvador, sobretudo as mulheres, conseguiam garantir a segurança alimentar através dos trabalhos como lavar roupas de “ganho”, mariscagem, dentre outros.

Além disso, os pescadores em Salvador também estão relacionados com a pesca artesanal para além da capacitação profissional a que são submetidos, sendo a pesca e mariscagem um trabalho à parte no intuito de trazer renda, alimento e subsistência às famílias. O segundo ponto está na relação família e ancestralidade, visto que a pesca é lembrada anualmente no Rio de Vermelho, no dia 2 de Fevereiro como a festividade de Iemanjá, orixá protetora dos pescadores, ligada ao mar, ao oceano e à praia. Nesse sentido, a Colônia de Pescadores do Rio Vermelho e a casa de Yemanjá são importantes instituições situadas no Largo da Mariquita, em Salvador. Localizados ao lado da Vila Caramuru, a colônia é responsável por representar os interesses dos pescadores da região, bem como por promover o desenvolvimento socioeconômico das comunidades pesqueiras locais.

O trabalho pesqueiro da colônia envolve uma variedade de técnicas e instrumentos tradicionais. Uma das técnicas mais comuns é a pesca com redes de arrasto, onde os pescadores lançam redes ao mar e as puxam lentamente para capturar os peixes. Outra técnica popular é a pesca com tarrafas, que consiste em lançar uma rede circular com pesos ao redor de um cardume de peixes e puxá-la rapidamente para capturar os animais. Além disso, a pesca com anzol e linha também é bastante praticada, principalmente nas áreas costeiras e em pequenas embarcações.

Em relação aos instrumentos utilizados para navegação marítima codestacam-se as canoas de madeira, conhecidas como "jangadas", que são amplamente utilizadas pelos pescadores locais. Essas embarcações possuem um tamanho compacto e são leves o suficiente para serem manuseadas individualmente pelos pescadores. Além disso, os pescadores

IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras
Universidade Federal do
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana
em territórios de
conflito, (in)justiças
e (re)existências

Realização

Associação dos
Geógrafos
Brasileiros
Seção Local Santa Inês - BA

costumam utilizar redes de diferentes tamanhos e malhas, anzóis de diversos tipos e tambores para armazenar o pescado.

No que diz respeito às espécies de peixes pescados em Salvador, a região é rica em diversidade marinha. Entre os principais peixes capturados estão a pescada, o badejo, o robalo, a tainha e o peixe-agulha, comum em águas marítimas. Essas espécies são muito valorizadas tanto para o consumo local quanto para a comercialização em mercados e feiras. Além disso, a pesca artesanal em Salvador também é conhecida por capturar outras espécies de valor econômico, como camarões, lagostas e caranguejos, que são abundantes na região. A pesca artesanal desempenha um papel importante na subsistência dos pescadores e na preservação das tradições culturais ligadas ao mar na cidade de Salvador.

A metodologia utilizada consistiu num levantamento de dados utilizando métodos de pesquisa teórico-empírica qualitativa, incluindo levantamento bibliográfico, pesquisa documental e pesquisa de campo com observações participantes *in loco*.

METODOLOGIA

Revisão de Literatura: História e formação da Colônia do Rio Vermelho

Fundada em 23 de março de 1972, a história do Rio Vermelho teve início no século XVI com a chegada de Caramuru à região. Nessa época, a área era habitada pelos tupinambás, e Caramuru desempenhou um papel importante como mediador entre os nativos e os europeus. Quando o primeiro governador-geral chegou a Salvador, as terras ao norte do rio Camarajipe foram doadas a Antônio de Ataíde, originando assim o Rio Vermelho. Inicialmente, a localidade tinha poucos habitantes, com currais, armações de pesca e a presença de jesuítas. Com o passar do tempo, a atividade pesqueira se desenvolveu na área, atraindo pescadores que estabeleceram suas moradias próximas ao mar. (COSTA, p. 14. 2011)

Durante a invasão holandesa em 1624, muitos moradores buscaram refúgio no Rio Vermelho, devido à sua distância em relação à área invadida. Aproveitando a tensão e a desorganização dos colonizadores, alguns escravizados fugiram para as densas matas,

IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras
Universidade Federal do
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana
em territórios de
conflito, (in)justiças
e (re)existências

Realização

Associação dos
Geógrafos
Brasileiros
Seção Local Santa Inês - BA

formando um quilombo em 1629. No entanto, esse quilombo foi destruído três anos depois pelos capitães-do-mato Francisco Dias de Ávila e João Barbosa Almeida.

Ao longo do século XVII, os pescadores desempenharam um papel significativo no Rio Vermelho, conforme descrito pelo visitante francês Tollenare, que o descreveu como um povoado de pescadores com cerca de 100 cabanas, localizado na foz de um pequeno rio, a uma légua a leste do Cabo de Santo Antônio. Com o tempo, o Rio Vermelho passou por modernizações, como a pavimentação das ruas, a introdução de automóveis e a abertura de cinemas.

No século XIX, o Rio Vermelho tinha três núcleos populacionais distintos: Paciência, Mariquita e Santana. Este último abrigava a antiga igreja matriz, que atraía pessoas de toda a cidade devido aos festivais religiosos. Com o passar do tempo, a chegada de novos moradores, que não faziam parte da comunidade de pescadores, afastou esses últimos das festividades de Santana. No entanto, os pescadores mantiveram a tradição de lançar presentes para Iemanjá, uma prática que se tornou uma das maiores festas populares da cidade: a Festa de Iemanjá do Rio Vermelho.

Mesmo com as mudanças modernas, o Rio Vermelho manteve sua reputação como um bairro de lazer e ganhou fama como um lugar boêmio, frequentado por intelectuais. Os bares tornaram-se pontos de encontro para conversas, drinques e música ao vivo após o trabalho. O Mercado



A antiga (ou primeira) Casa do Peixe
Foto copiada do acervo da Biblioteca Juracy Magalhães Jr.
Publicação autorizada- Sarnell
Autor: desconhecido

do Peixe tornou-se mais do que um local para venda de pescados, sendo agora um ponto de

IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras
Universidade Federal do
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana
em territórios de
conflito, (in)justiças
e (re)existências

Realização

Associação dos
Geógrafos
Brasileiros
Seção Local Santa Inês - BA

encontro para aqueles que retornam tarde da noite e não têm pressa de voltar para casa. Há até mesmo quem diga que, em Salvador, toda festa termina no mercado. Viva a boemia!

A história de Diogo Álvares Corrêa, conhecido como o náufrago mais famoso da costa brasileira, ocorreu no Rio Vermelho. Após naufragar, o jovem encontrou abrigo na Pedra da Concha, um rochedo localizado na Praia da Mariquita, onde foi acolhido pelos índios tupinambás que habitavam a região. Tornou-se amigo dos índios, recebeu um nome indígena e se casou com Catharina Paraguaçu. Assim, o Rio Vermelho testemunhou o surgimento de um dos casais mais renomados da Bahia colonial.

O nome Mariquita deriva da palavra tupi "mairaquiquiig", que significa "lugar que dá peixe miúdo". Nessa praia, em certas épocas do ano, era comum encontrar grande quantidade de pititinga, um tipo de peixe miúdo. Já o nome Rio Vermelho tem origem na palavra tupi "Camorogipe", que se referia a um rio de águas barrentas e piscosas. Conhecido também como Rio das Tripas, infelizmente, atualmente encontra-se poluído e é considerado um esgoto a céu aberto. O nome do rio que batiza o bairro possui diferentes grafias, como Camaragipe, Camarujipe, Camaragibe, entre outras, mas a mais utilizada popularmente é Camarujipe. Em uma área específica do bairro, as ruas recebem nomes de cidades do interior da Bahia, como Rua Alagoinhas, Rua Itabuna, Rua Jequié, entre outras. Essas ruas tranquilas fazem jus aos nomes escolhidos.

Relação pesca, território e identidade.

Ao refletirmos sobre a história do bairro do Rio Vermelho, fica evidente que os pescadores tiveram um papel fundamental na sua formação. Eles foram e continuam sendo peças-chave na construção da identidade do bairro e de seus moradores. As referências à Yemanjá, aos pescadores e às águas estão presentes nas esculturas que adornam o local, nas praças, nos bares, nos restaurantes e nas pousadas, enfim, em todas as áreas comerciais e de lazer locais.

Atualmente, o bairro é habitado principalmente pela classe média de Salvador. Apresenta uma intensa atividade comercial, composta por hotéis, pousadas, shoppings, lojas,

IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras
Universidade Federal do
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana
em territórios de
conflito, (in)justiças
e (re)existências

Realização

Associação dos
Geógrafos
Brasileiros
Seção Local Santa Inês - BA

cafés, supermercados e, principalmente, bares e restaurantes. O Rio Vermelho é famoso pela sua atmosfera boêmia e a vida noturna agitada, atraindo pessoas de todas as partes da cidade. A maioria dos frequentadores é composta por jovens e intelectuais.

Os tabuleiros de acarajé são uma atração famosa do bairro, e é comum, no fim da tarde, ver pessoas se reunindo nos pontos de venda e nos bares próximos para degustar essas iguarias. Apesar da ocupação e do crescimento urbano do bairro terem sido historicamente voltados para o benefício das classes economicamente privilegiadas, as tradições ainda resistem e permanecem vivas na memória dos pescadores e dos antigos moradores. O legado dessas tradições pesqueiras continua presente, mesmo com as transformações e o desenvolvimento que ocorreram ao longo do tempo.

De acordo com Rios (p. 9, 2020) a identidade pesqueira artesanal na Colônia do Rio Vermelho é construída ao longo do tempo por meio da transmissão oral de conhecimentos, passados de geração em geração e vivenciados diariamente no mar. A relação estreita com a natureza, a forma peculiar de exercer suas atividades, o domínio dos espaços apropriados, a autonomia e a posse dos meios de produção, entre outros aspectos, conferem uma identidade pesqueira única, caracterizada por um modo de vida particular.

Ainda assim, para as comunidades pesqueiras, ser pescador artesanal transcende a mera ocupação profissional. É uma expressão de pertencimento, um sentimento de conexão com o mar e uma valorização do trabalho das famílias que iniciam o dia nas águas, se dedicam às atividades comerciais durante o dia e se dedicam ao beneficiamento dos pescados ao anoitecer. Essa arte de ser pescador é intrinsecamente enraizada na identidade dessas comunidades, representando uma realidade característica e singular que compõe uma das análises sobre o território.

Segundo Raffestin (1993, p. 37), "o território é um objeto construído socialmente e está sempre relacionado a uma determinada lógica de poder". Para ele, o território é uma construção social que resulta das relações confortáveis entre os seres humanos e o meio ambiente em um determinado espaço geográfico. Ele entende o território como um conjunto de relações sociais e políticas que se desenvolvem em um determinado espaço. Para ele, o

IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras
Universidade Federal do
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana
em territórios de
conflito, (in)justiças
e (re)existências

Realização

 Associação dos
Geógrafos
Brasileiros
Seção Local Santa Inês - BA

território é um elemento fundamental para a organização social e política de uma sociedade, pois permite a criação de um senso de pertencimento e de identidade coletiva. Ele enfatiza que o território não é apenas um espaço físico, mas também um espaço simbólico e cultural que é construído a partir das relações sociais.

Em suma, para Raffestin, a concepção de território se correlaciona com o trabalho pesqueiro ao enfatizar o controle, as relações de poder, a construção de identidade e as lógicas de relação e produção presentes nessa atividade. Compreender o território sob essa perspectiva enriquece a análise do trabalho pesqueiro da colônia, destacando as dinâmicas sociais, políticas e econômicas que moldam as práticas e os conflitos no contexto da pesca artesanal.

Desta forma, as transformações socioespaciais seguindo o planejamento territorial em Salvador, determina que não dá para desvincular a relação água e terra. Tal articulação em terra não se limita às práticas agrícolas, mas assim como no passado, o acesso à água baseava-se na terra como meio. É difícil pensar na pesca quando os pescadores estão a quilômetros de distância do mar ou do rio. (KUHN, GERMANI. 2010).

Assim, acredita-se que o que garante o acesso à água é a garantia concedida do acesso à terra, visto que é a partir da análise territorial, relações de poder e conflitos que a relação terra e água determina importante como meio de trabalho na pesca artesanal. Eles garantem o acesso aos recursos pesqueiros, permitem a construção de infraestrutura adequada, conferem direitos de gestão dos recursos e sustentam a identidade cultural e social das comunidades pesqueiras. Portanto, a posse de terras costeiras desempenha um papel vital na viabilidade e na sustentabilidade da pesca artesanal.

Metodologia e análise de dados

O caráter metodológico da pesquisa consistiu em pescar dados e análise das referências bibliográficas no que tange aos aspectos socioeconômicos da pesca na colônia do Rio Vermelho. Seguindo esse fluxo, analisamos os registros do Sistema Informatizado do

IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras
Universidade Federal do
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana
em territórios de
conflito, (in)justiças
e (re)existências

Realização

Associação dos
Geógrafos
Brasileiros
Seção Local Santa Inês - BA

Registro Geral da Atividade Pesqueira (SISRGP) do estado da Bahia, e encontramos um verdadeiro cardume de dados: dentre os 114.966 registros, 66.676 são femininos, representando uma vigorosa correnteza que domina quase 58% do total, enquanto os 48.282 registros masculinos perfaz um pouco mais de 42%. Juntos, esses pescadores e pescadoras formam um vasto oceano que coloca a Bahia como o terceiro maior reduto da pesca e da aquicultura no país, abarcando 11% da mão-de-obra desse setor no Brasil, de acordo com a BahiaPesca (2024).

Em uma análise mais ampla, dos 1.030.166 registros de pesca profissional em todo o território nacional, as mulheres emergem como a força dominante na Bahia, assim como em outros quatro estados: Maranhão, Sergipe, Pernambuco e Alagoas. A nível nacional, os homens ainda lideram, mas por uma estreita margem, com 51% da mão de obra masculina contra 49% feminina.

O protagonismo feminino na pesca baiana, evidenciado pelos dados do SISRGP, ecoaram como as canções das sereias primeiramente nos Seminários Regionais de Planejamento das Políticas Públicas para a Pesca Artesanal (Serpesca). Essa tendência, validada pelos registros, é uma luz que guia os rumos da pesca artesanal desde os meses de outubro e novembro de 2023, como a luminosidade do farol que orienta os navegantes em mar aberto.

Economia pesqueira da Colônia do Rio Vermelho

Segundo os dados da Estatística Nacional de Pesca em 2013, a Bahia superou em produção anual mais de 103 mil toneladas de pescado, sendo o 6º estado no ranking brasileiro. Além disso, a pesca artesanal fornece até 85% do pescado consumido como fonte da segurança alimentar de centenas de comunidades, incluindo indígenas que vivem ao redor de costas litorâneas e bacias hidrográficas continentais. De acordo com a FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), cerca de 16% dos empregos associados à pesca extrativa são ocupados por mulheres. A pesca e a aquicultura geram mais de 2.8 milhões de empregos diretos e cerca de 8,4 milhões de empregos indiretos na América Latina e Caribe, sendo aproximadamente mais de 90% relacionados à pesca artesanal.

IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras
Universidade Federal do
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana
em territórios de
conflito, (in)justiças
e (re)existências

Realização

Associação dos
Geógrafos
Brasileiros
Seção Local Santa Inês - BA

De acordo com a CONAFER (Confederação da Agricultura Familiar), o consumo *per capita* de pescado no Brasil é atualmente de 5 a 10 kg por ano, bem abaixo da média mundial de 20,2 kg por ano. Isso mostra que o setor tem um enorme potencial de crescimento, desde que seja bem explorado. Do ponto de vista do desenvolvimento deste segmento econômico, a legalização das áreas de pesca e o registro das atividades pesqueiras são importantes, o que mostra a importância da pesca artesanal para o futuro do país. Porque pequenos pescadores colocam os pescados na mesa de milhões de brasileiros e tornam a segurança e soberania alimentar em pauta.

Segundo a FAO, a produção aquícola nos países em desenvolvimento deve continuar em expansão, com um aumento estimado de 26% na próxima década, e a América Latina deve apresentar um crescimento expressivo nesse setor. No entanto, o relatório do SOFIA destaca que esse grande crescimento na produção aquícola não resultará em um aumento proporcional no emprego.

Das estatísticas coletadas em 117 países e um órgão regional, verificou-se que 58% deles possuem pelo menos um valor desagregado por sexo em suas séries temporais. Embora os dados mais recentes tenham melhorado, é importante ressaltar que as séries temporais específicas de processamento abrangem apenas atividades industriais, organizadas e formais. Levando em consideração o papel significativo das mulheres na pesca artesanal e de subsistência, é necessário concentrar cada vez mais na coleta de dados desagregados por sexo em atividades informais e não remuneradas relacionadas à subsistência.

Para a FAO, é crucial obter mais informações sobre a situação de emprego das mulheres nas atividades pós-colheita, incluindo agregação e distribuição. Além disso, é preciso reconhecer as atividades auxiliares que compõem o setor de pré-colheita, como a manutenção de barcos e tanques aquícolas, o conserto de redes, a contabilidade e a preparação de alimentos para viagens de pesca. A fim de valorizar o papel do setor informal de pesca e aquicultura no apoio à segurança alimentar e no empoderamento financeiro das mulheres, é essencial incluir essas atividades na contabilização e priorizar a coleta de dados desagregados por sexo..

IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras
Universidade Federal do
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana
em territórios de
conflito, (in)justiças
e (re)existências

Realização

Associação dos
Geógrafos
Brasileiros
Seção Local Santa Inês - BA

Assim, segundo o relatório SOFIA, elaborado pela FAO, apenas 4% de todos os profissionais envolvidos na pesca e aquicultura em nível global residem na América Latina e Caribe. Atualmente, a aquicultura emprega oficialmente 356 mil pessoas na região, enquanto mais de dois milhões e 80 mil pessoas estão envolvidas na pesca. Estima-se ainda que mais de 500 mil famílias dependem da aquicultura de pequena escala para sua segurança alimentar e renda familiar na região.

REGIÃO	PRODUÇÃO (t e %)	ARTESANAL (t e %)	INDUSTRIAL (t e %)	AQUICULTURA (t e %)	NÚMERO DE PESCADORES (n e %)	PESCARIAS COLAPSADAS (%)
NORTE	272.980	231.984	25.199	15.797	111.442	3
	29,32	85,0	9,2	5,8	34,0	
NORDESTE	209.425,5	188.078,5	12.866	84.181	152.548	12
	22,49	66,0	4,5	29,5	47,0	
CENTRO- OESTE	37.814	11.946	-	25.868	5.850	-
	4,02	31,6	-	68,4	2,0	-
SUDESTE	153.749	52.995	63.507,5	37.246,5	33.198	29
	16,5	34,5	41,3	24,2	10,0	
SUL	256.900	19.468,5	149.237,5	88.194,5	23.658	32
	27,59	7,6	58,1	34,5	7,0	
BRASIL	930.868,5	540.472	250.810	251.287	276.696	
	100,00	50,1	24,9	25,0	100,0	

Fonte: COSTA, 2013

"É de extrema importância apoiar os pescadores artesanais de pequena escala na América Latina e Caribe, pois eles não apenas representam a maioria, mas também desempenham um papel fundamental na segurança alimentar da região e na sustentabilidade do setor pesqueiro", enfatizou Flores. O cenário pesqueiro exportador do Nordeste apresenta alguns desafios a serem enfrentados, o que dá muitas oportunidades para superar. A região possui uma importante atividade pesqueira, com uma rica diversidade de espécies marinhas e uma longa tradição pesqueira. No entanto, existem questões a serem enfrentadas, como a superexploração de alguns recursos pesqueiros e a necessidade de adoção de práticas sustentáveis de pesca. Apesar desses desafios, o Nordeste tem potencial para expandir sua presença no mercado internacional de exportação de pescado.

É perceptível, a partir do gráfico, alguns aspectos sobre produção e economia por setores entre regiões do Brasil, sendo a pesca artesanal a que produz maior toneladas de pescado, totalizando 50,1% do percentual. Além disso, as regiões do Norte e Nordeste concentram maior números de pesca artesanal, sendo a responsável não só para alimento

IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras
Universidade Federal do
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana
em territórios de
conflito, (in)justiças
e (re)existências

Realização

Associação dos
Geógrafos
Brasileiros
Seção Local Santa Inês - BA

local, como para comercialização. Na região Nordeste, o Nordeste abriga o maior percentual de pescadores profissionais registrados, e o estado da Bahia ocupa a segunda posição nesse ranking. Apesar da redução no número de pescadores profissionais cadastrados, comparando-se os anos de 2012 e 2013, com 125.827 e 122.522 respectivamente.

CONCLUSÃO

No que se refere ao acompanhamento da atividade pesqueira pela colônia de pescadores, a pesquisa de Silva teve como objetivo verificar se existem assistências à atividade produtiva dos pescadores. Foi constatado que não há assistências, como treinamentos, capacitação dos pescadores, subsídios para insumos de produção e estatísticas pesqueiras, oferecidos pela colônia. Esses aspectos são fundamentais para um melhor desenvolvimento da atividade pesqueira.

Problemas com a burocratização do sistema de registro geral dos pescadores, difícil inclusão de novos pescadores. O que resulta em pouco repasse de verbas e políticas públicas.

Para fortalecer as leis e assegurar o trabalho pesqueiro na Colônia do Rio Vermelho, é necessário adotar medidas efetivas. Uma revisão e atualização das leis existentes é fundamental, garantindo que estejam adequadas às necessidades atuais dos pescadores. Além disso, é crucial envolver as comunidades pesqueiras no processo de elaboração e revisão das leis, por meio de consultas públicas e diálogo direto. A fiscalização e aplicação das leis devem ser reforçadas, com maior número de fiscais e monitoramento eficaz.

Programas de capacitação e educação devem ser promovidos, fornecendo informações atualizadas sobre direitos trabalhistas, segurança no mar e manejo sustentável dos recursos pesqueiros. Incentivos financeiros, como linhas de crédito e subsídios, podem apoiar os pescadores diante de desafios econômicos. Além disso, é importante estabelecer parcerias e promover a cooperação entre diferentes atores do setor pesqueiro, visando fortalecer a implementação das leis e promover o desenvolvimento sustentável das atividades pesqueiras.

REFERÊNCIAS

AGUIAR NORBERTO RIOS, K. As comunidades tradicionais pesqueiras da Baía de Todos os Santos. **Mares: Revista de Geografia e Etnociências**, v. 1, n. 1, p. 27-38, 6 out. 2019.

AMADO, Janaína. Diogo Álvares, o Caramuru, e a fundação mítica do Brasil. **Revista**

IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras
Universidade Federal do
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana
em territórios de
conflito, (in)justiças
e (re)existências

Realização

 Associação dos
Geógrafos
Brasileiros
Seção Local Santa Inês - BA

Estudos Históricos, v. 14, n. 25, p. 3-40, 2000.

BORGES, Clarissa; BRITO, Saara. **Rio Vermelho: Histórico e moradores**. FACOM/UFBA, 2001. Disponível em https://facom.ufba.br/com112_2000_1/rio_vermelho/historico.htm. Acesso em: 13 jul. 2023.

BRASIL. Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009. Lei Geral da Pesca. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2009.

_____. Ministério da Agricultura e Pecuária. Dia Mundial da Pesca: **Em 2022 foi declarado o ano internacional da Pesca e Aquicultura Artesanais**. Setembro de 2022.

CONCEIÇÃO, E. L. da. **Mulheres das águas: comunidade, gênero e raça**. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, [S. l.], v. 13, n. 2, 2019. DOI: 10.29397/reciis.v13i2.1809. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1809>. Acesso em: 12 jul. 2023.

COSTA, Cristiane Sobrinho. **Pescadores do Rio Vermelho: ritos, tradições e ancestralidade da pesca artesanal**. 2011.

FREITAS, Hingryd Inácio de; GERMANI, Guiomar Inez. O desenvolvimento territorial rural em questão. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 11, n. 25, p. 19-33, 2012.

KUHN, Ednizia Ribeiro Araujo; GERMANI, Guiomar Inez. Pensar o campo baiano a partir da pesca artesanal: relações e possibilidades. **Encontro Nacional de Geógrafos**, v. 16, 2010.

JUNIOR, Coriolano Pereira Rocha; DO ESPÍRITO SANTO, Fernando Reis. Futebol em Salvador: o início de uma história (1899-1920). **Movimento**, v. 17, n. 3, p. 79-95, 2011.

LOPES, Lucídio. **Rio Vermelho e suas tradições: memória de Lucídio Lopes**. Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador, 1984.

Paiva R. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Rio de Janeiro: MAUAD; 2003.4.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIOS, Kássia Aguiar Norberto. O ser pescador(a) artesanal e o território articulado das comunidades tradicionais pesqueiras da Ilha de Maré - Bahia. **Mares: Revista de Geografia e Etnociências**, v. 2, n. 1, p. 7-18, 2020.

IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras
Universidade Federal do
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana
em territórios de
conflito, (in)justiças
e (re)existências

Realização

 Associação dos
Geógrafos
Brasileiros
Seção Local Santa Inês - BA

Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura do Estado da Bahia. **Mulheres representam 58% dos registros de pesca profissional da Bahia [online]**. Disponível em: <<http://www.bahiapesca.ba.gov.br/2024/02/795/Mulheres-representam-58-dos-registros-de-pesca-profissional-da-Bahia.html>>. Acesso em: 23/02/2024

SILVA, Leidisangela Santos da. **A economia pesqueira artesanal no município de Salvador-BA**: da organização produtiva a comercialização nas colônias de pescadores. 2013.

VideoSaúde Distribuidora e UFRJ. **Mulheres das águas**, YouTube 2017.